

**Quando a Fraseologia e a Dialectologia se encontram**

When Phraseology and Dialectology meet

Cuando la Fraseología y la Dialectología se encuentran

**Marcela Moura Torres Paim****RESUMO**

Este artigo expõe resultados de investigação sobre a Fraseologia com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), oriundos das capitais da região norte do Brasil, estratificados por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. A Fraseologia está sendo aqui concebida como o fenômeno da linguagem que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes (MEJRI, 1997). Parte-se do princípio de que as unidades fraseológicas são combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras. No que se refere aos fraseologismos analisados, podem-se fazer algumas considerações: as criações lexicais analisadas contemplam a polilexicalidade e refletem uma expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal. Dessa forma, as designações enfocadas permitem o registro da diversidade lexical do português falado nas capitais brasileiras da região norte, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fraseologia. Dialectologia. Projeto ALiB.**ABSTRACT**

This article exposes research results on Phraseology based on data from the Atlas Linguistic Project of Brazil (ALiB), from the capitals of the northern region of Brazil, stratified by sex, age group and educational level. Phraseology is being conceived here as the phenomenon of language that is expressed through recurrent syntagmatic associations (MEJRI, 1997). It is assumed that phraseological units are relatively stable combinations of lexical units, with a certain degree of idiomacity, formed by two or more words. With regard to the analyzed phraseologies, some considerations can be made: the analyzed lexical creations contemplate polylexicality and reflect a crystallized expression, whose general meaning is not literal. Thus, the focused designations allow

the registration of the lexical diversity of the Portuguese spoken in the Brazilian capitals of the northern region, following the principles of Pluridimensional Geolinguistics.

**KEYWORDS:** Phraseology. Dialectology. ALiB Project.

## **1 INTRODUÇÃO**

Ao estudar a Fraseologia nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), é fundamental refletir sobre as diferentes maneiras em que ela pode ser pesquisada, a depender da concepção teórica seguida.

No Brasil, hoje, há duas grandes correntes de pesquisadores que se dedicam aos estudos fraseológicos. Uma segue a vertente espanhola, que possui o foco no estudo dos provérbios e sua constituição, bem como sua utilização e compreensão pelos falantes de determinada língua. A outra segue a linha francesa, seguida por Salah Mejri, e que amplia o objeto de estudo da Fraseologia para além dos provérbios, defendendo a polilexicalidade como critério fundamental para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF).

Inicialmente, será exposta uma revisão dos conceitos relacionados aos estudos fraseológicos na corrente francesa. Na sequência, será abordada a importância de investigar o léxico referente aos campos semânticos do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), com o objetivo de evidenciar a diversidade de unidades fraseológicas no português falado nas capitais da região norte do Brasil.

## **2 OS FRASEOLOGISMOS NA PERSPECTIVA DA CORRENTE FRANCESA**

Ao revisar investigações, no âmbito da Fraseologia francesa, Mejri (2018) explicitou três pontos que podem dificultar o desenvolvimento das pesquisas fraseológicas:

- la grande hétérogénéité des travaux, des points de vue et des centres d'intérêt;
- le double héritage dans ce domaine: celui de la tradition lexicographique et celui de la réflexion grammaticale et linguistique, deux perspectives qui,

tout en ayant le même objet de traitement, n'ont pas pour autant ni les mêmes ambitions ni les mêmes objectifs;

- le double croisement entre d'un côté les caractéristiques spécifiques à la phraséologie française et celles qui sont partagées par d'autres langues, et de l'autre l'ensemble des dimensions linguistiques impliquées dans l'analyse des faits phraséologiques (phonologie, morphologie, syntaxe, sémantique, etc.) (MEJRI, 2018, p. 5)<sup>1</sup>.

Segundo Mejri (2018, p. 5), a Fraseologia pode ser investigada em gêneros discursivos textuais distintos (a literatura, a política, a economia), em vários aportes aplicados: o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras ou a fraseolodidática; o tratamento automatizado das línguas: as bases de dados e a extração automática das sequências fixas; a tradução e o contrastivo; a lexicografia: elaboração de dicionários de fraseologismos (em meio analógico – papel – ou digital).

Nesse sentido, ficou claro que o cenário das investigações fraseológicas representa um espaço aberto de pesquisa que perpassa por vários níveis da análise linguística como a língua e o discurso; a sintaxe e o léxico; a Lexicologia e a Linguística Textual; a língua e a cultura; o idiomático e o idiossincrático; as coocorrências e os usos; a análise qualitativa e a quantitativa.

Das pesquisas realizadas, ficou evidente que o termo Fraseologia é usado para referenciar o conjunto de fenômenos fraseológicos e o nome da disciplina que se dedica a investigá-los. Conforme algumas correntes teóricas, a Fraseologia é considerada como uma subdisciplina da Lexicologia, enquanto para outras é vista como disciplina independente.

Assim, constatou-se que, na literatura especializada, ainda não é possível chegar a um consenso relacionado ao *status* dessa área de conhecimento, à delimitação das unidades fraseológicas e, por extensão, à categorização dessas unidades. Independente

---

<sup>1</sup> “- a grande heterogeneidade das obras, os pontos de vista e os centros de interesse; - o duplo legado nesta área: o da tradição lexicográfica e o da reflexão gramatical e linguística, duas perspectivas que, embora tendo o mesmo objeto de tratamento, não têm as mesmas ambições ou os mesmos objetivos; - o duplo cruzamento entre as características específicas da fraseologia francesa e aquelas compartilhadas por outras línguas, e as dimensões linguísticas envolvidas na análise de fatos fraseológicos (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, etc.)” (Tradução da autora)

disso, essa área de investigação é considerada relativamente nova, tem ganhado destaque no estudo de unidades lexicais complexas e contribuído para a descrição e o ensino de línguas.

Em 1931, surgiram as primeiras definições da Fraseologia, com Polivánov, porém, na década de 1940, ela adquiriu o *status* de disciplina linguística. A partir daí, pesquisadores começaram a mostrar, por meio de suas investigações, que, através da utilização das unidades fraseológicas, as particularidades de uma língua e a forma de pensar de uma comunidade poderiam ser projetadas, pois as unidades fraseológicas poderiam evidenciar a relação entre identidade e cultura, assim como os contextos que motivam o seu uso.

Na perspectiva teórica francesa, Mejri (2012) conceitua a Fraseologia como um fenômeno linguístico, comum a todas as línguas vivas, que se manifesta por meio das associações sintagmáticas recorrentes. Como expõe o referido autor, nesse fenômeno, atua o processo de “figement” (fixação, cristalização, congelamento), do qual resultam os fraseologismos, que possuem graus diferentes de fixação, polilexicalidade, congruência e idiomaticidade, como evidenciam os exemplos, a seguir, pertencentes ao *corpus* do Projeto ALiB:

**Amarrar o facão.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + artigo + nome). Forma alternativa de se referir à fase em que a mulher já não pode ter filho. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida*: “Numa certa idade acaba a/o\_\_\_\_\_ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher\_\_\_\_\_”.

Os sentidos dessas expressões não se originam da soma do significado individual dos componentes da estrutura complexa, mas sim de um sentido da unidade como um todo, em geral, de âmbito idiomático, mas não apenas.

Mejri, em seu livro *Le figement lexical – descriptions linguistiques et structuration sémantique*, publicado em 1997, pela faculdade de letras de Manouba, Tunísia, resultante de sua tese de doutoramento, elaborou uma síntese crítica das investigações realizadas anteriormente sobre a Fraseologia de âmbito geral, como os estudos de Saussure, Bally, Selecheya, Potier, Benveniste, Darmasteter etc., bem como das descrições de aspectos particulares do processo da fixação.

Nessa obra basilar para as pesquisas fraseológicas de linha francesa, além da revisão bibliográfica, juntamente com reflexões de cunho pessoal, foi possível perceber como Mejri (1997) fez a proposta de uma abordagem sistemática e inovadora para o estudo do processo de cristalização linguística, a saber: a descrição da estrutura semântica das sequências cristalizadas. Dessa forma, o pesquisador tem como objetivo “*montrer que le figement n’est pas un fait isole mais qu’il est au contraire au centre même du fonctionnement de la langue*” (MEJRI, 1997, p. 34)<sup>2</sup>.

Nesse sentido, a Fraseologia é um fenômeno linguístico que mantém relação com todos os níveis da linguagem (desde o fonético-fonológico ao discursivo-pragmático) com o objetivo de analisar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomatidade, que sejam polilexicais, ou seja, compostas por mais de um item, e que tenham a competência discursiva dos falantes. Esse fenômeno abarca processos que envolvem a solidariedade sintagmática, pelos quais a língua se dota de unidades cujos componentes integram um bloco e cuja sintaxe interna está em desacordo com a da frase livre correspondente.

Mejri (2012), no que diz respeito às propriedades dos fraseologismos, explicita a noção de *continuum*, de fixidez e de congruência. Segundo expõe o referido autor, a fixação é um parâmetro para realizar a descrição das regras da combinatória sintagmática, no plano sintático e no semântico. Não há possibilidade, por exemplo, na unidade fraseológica “amarrar o facão” (= entrar na menopausa), de realizar modificações sem desfazer o sentido “entrar na menopausa”, como: \*amarrar o martelo, \*amarrar o sapato.

No âmbito semântico, é possível observar a fixação quando as sequências são fixadas de uma só vez, com seu respectivo sentido, como, por exemplo, na unidade fraseológica “bater as botas” em que a cristalização também é de natureza paradigmática, afinal não é possível comutar “botas” com “sapatos” ou “calçados”, sob pena de criar uma forma que não existe como tal na utilização da língua portuguesa. Esse aspecto se relaciona com a noção de congruência a qual está relacionada à adequação da estrutura sintagmática, às regras de formação das sequências fixas que explicam a sua atuação nos níveis morfológico, sintático e semântico.

---

<sup>2</sup> “mostrar que a cristalização não é um fato isolado, mas que está, ao contrário, no centro do funcionamento da linguagem”. (Tradução da autora)

Mejri (2012), com esse novo elemento metodológico, procurou evidenciar que o cruzamento das noções de fixidez e de congruência permite a delimitação das sequências cristalizadas e, conseqüentemente, sua diferenciação em relação às combinatórias livres. Dessa forma, a fixação pode acontecer tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático, como exemplifica a seguinte unidade fraseológica, presente no *corpus* do Projeto ALiB:

**Mão de bebê.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de fazer referência ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 138/área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?”.

Devido à fixidez interna, a sequência *mão de bebê* não aceitaria a comutação da palavra *bebê* por *adolescente* ou *idoso*, ainda que pertençam à mesma categoria de seres humanos, sendo inadmissível, portanto, no contexto brasileiro: *\*mão de adolescente/idoso*.

Como expõe Mejri (2012), a Fraseologia e a fixação possuem distinções conceituais, mas são complementares. Afinal, enquanto a primeira é o fenômeno linguístico que se manifesta nas associações sintagmáticas recorrentes, a segunda, por sua vez, é o processo pelo qual as referidas associações sintagmáticas se combinam. Ao fazer essa diferenciação, o referido autor selecionou a nomenclatura sequência fixa para fazer referência ao sintagma formado segundo a sintaxe da língua e que, uma vez reutilizado e usado, será uma sequência congelada. Conforme o autor, essa sequência pode abranger todos os segmentos cristalizados, indo da unidade simples a estruturas superiores, abrangendo todos os tipos de interjeições, locuções, palavras compostas, entre outras.

Nessa perspectiva teórica, Mejri (1997) ampliou o objeto de estudo da Fraseologia para muito além dos provérbios, levando em consideração a polilexicalidade como principal critério, para a consideração de um elemento como unidade fraseológica (UF). O referido estudioso focalizou seus estudos nas investigações do processo de fixação destas unidades, discutindo como o processo de fixação de unidades sintagmáticas livres se tornam unidades sintagmáticas que não podem ser dissociadas.

Diferentes unidades fraseológicas são utilizadas pelos usuários da língua nos contextos comunicativos. Na linguagem oral, o falante usa uma série de recursos discursivos para a comunicação ocorrer da maneira mais efetiva possível. Movido pelas mais diferentes intenções, o falante recorre a estruturas pré-fabricadas, grupos de palavras, novos vocábulos e sentidos, que se configuram como unidades fraseológicas, adequando-se aos distintos contextos da comunicação.

Como aborda Mejri (1997), existem cinco características consideradas essenciais para determinar uma combinação de palavras como uma unidade fraseológica: ser formada por mais de uma palavra; estar institucionalizada, ou seja, convencionalizada devido ao uso frequente; possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas; ser passível de modificações nos elementos que as integram.

A sequência fixa, segundo menciona o pesquisador, é dita cristalizada se ela encontra uma fixação total ou parcial de regras da combinação sintagmática e da comutatividade paradigmática. Isso se dá, pelo fato de a fixação ser o processo pelo qual as formações sintagmáticas possuem, no seu conjunto, sintaxe interna correlacionada com o significado global, isto é, não se pode analisar uma unidade fraseológica por meio de seus itens isoladamente, mas todos juntos como se fosse uma estrutura apenas. Este critério, seguido da polilexicalidade, é que dão norteamento para que expressões sejam configuradas como fraseologismos.

Outra contribuição dos estudos fraseológicos franceses de fundamental importância para a área especificamente e também para a linguística, de modo geral, diz respeito à proposta teórica de Salah Mejri, para a terceira articulação da linguagem. Com essa teoria, Mejri (1997; 2012; 2018) realiza a análise da palavra, levando em conta seu aspecto monolexical e polilexical. Essa concepção sobre a linguagem foi possível devido às pesquisas sobre o processo de fixação, que opera nas línguas vivas, produzindo inúmeras unidades fraseológicas.

Dando continuidade à linha de interesse lexical, a seguir, será apresentado um exemplário de fraseologismos para a análise de manifestações distintas da língua portuguesa, caracterizadas por usos, por um conjunto de áreas urbanas, geograficamente definidas e linguisticamente identificadas. Serão expostas as unidades fraseológicas mencionadas por falantes das capitais da região norte do Brasil, com base no que

registram os dados do Projeto ALiB, na sua essência, um projeto linguístico porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro falado.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O caráter de que se reveste o Projeto ALiB<sup>3</sup> conduziu a que se recorresse a distintas áreas do saber. A definição da rede de pontos para levantamento de dados necessitou de conhecimento no contexto histórico, antropológico, demográfico, da geografia física, humana e política e, além disso, dos estudos culturais, da economia de cada região, do desenvolvimento social e político, do aspecto religioso. A seleção de localidade reflete não apenas o interesse linguístico mas também o perfil sócio-histórico das zonas mapeadas. No que se refere à escolha de informantes, fez-se necessário uma pesquisa da constituição demográfica brasileira, da constituição da sociedade, das características sociológicas e antropológicas que marcam a composição da população brasileira, a que se adiciona um conhecimento do contexto social na qual se inserem os entrevistados. Isso levou a que se buscasse harmonizar distintas variáveis sociais — como idade, sexo, escolaridade — para se conseguir uma amostra linguística representativa da realidade do País.

A determinação do tipo de informante que forneceu os dados de fala para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB levou em conta a decisão metodológica de abarcar aspectos sociais – diassexual, diageracional e diastrática –, ao lado da diatópica, distanciando-se, portanto, do perfil que Chambers e Trudgill (1994, p. 57) classificam como NORM (*nonmobile, older, ruralmale*) e inserindo-se no método da Geolinguística Contemporânea.

Dessa forma, os informantes, em número de quatro em cada localidade – exceto nas capitais de Estado, onde foram entrevistados oito informantes –, distribuem-se, de forma igualitária, pelos dois sexos, em cada ponto geográfico, totalizando 550 homens e 550 mulheres, permitindo a análise da variação diassexual. No que diz respeito à

---

<sup>3</sup> Após o falecimento da querida Suzana Alice Marcelino Cardoso, Diretora-Presidente do Projeto ALiB, o Comitê Nacional ficou, assim, constituído: Diretora-Presidente, Jacyra Andrade Mota, Diretora Executiva, Silvana Soares Costa Ribeiro, e Diretores Científicos, Abdelhak Razky, Aparecida Negri Isquardo, Conceição Maria de Araújo Ramos, Fabiane Cristina Altino, Felício Wessling Margotti, Marcela Moura Torres Paim, Maria do Socorro Silva de Aragão, Marilúcia Barros de Oliveira, Regiane Coelho Pereira Reis, Valter Pereira Romano e Vanderci de Andrade Aguilera.

variação diageracional, os informantes se enquadram em duas faixas etárias: faixa 1, de 18 a 30 anos, e faixa 2, de 50 a 65 anos. Em relação à variação diastrática, incluem-se, nas capitais de Estado, informantes de dois níveis de escolaridade: quatro com curso fundamental incompleto – como nas demais localidades do interior – e quatro com nível de escolarização universitário.

Os 1.100 informantes são naturais da localidade e filhos de pessoas naturais da mesma área linguística, não se distanciaram da localidade por períodos muito longos e contínuos e esses períodos de afastamento não coincidem com os primeiros anos de vida do indivíduo (fase de aquisição da linguagem), nem com os anos imediatamente anteriores àquele em que se realizou a entrevista, seguindo a norma em trabalhos de natureza geolinguística.

Algumas considerações iniciais já podem ser realizadas sobre áreas dialetais brasileiras tendo em vista a finalização da recolha de dados da rede programada. O resultado imediatamente esperado do Projeto ALiB é, evidentemente, a produção do próprio atlas, cujos volumes iniciais, *Introdução* (CARDOSO et al, 2014a) e *Cartas Linguísticas I* (CARDOSO et al, 2014b), foram publicados há seis anos.

Como as pesquisas desenvolvidas, no âmbito do Projeto VALEXTRA, foram de caráter qualitativo e não quantitativo, buscou-se, no *corpus*, a documentação, de unidades fraseológicas, baseada em dados orais geolinguísticos. Na vigência do referido projeto, foi elaborado um exemplário com o objetivo de elencar fraseologismos nas capitais do Projeto ALiB. Dessa forma, ele é destinado a estudiosos da língua portuguesa e de suas variações, bem como a interessados pelas unidades fraseológicas.

Para facilitar a consulta a todos os públicos, as entradas foram organizadas em ordem alfabética, apresentando as unidades fraseológicas coletadas no *corpus* do Projeto ALiB como respostas polilexicais para as questões semântico-lexicais. O exemplário teve como fonte um *corpus* de dados geolinguísticos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), coletados nas capitais brasileiras na primeira década dos anos 2000, e pretendeu fornecer dados que poderão contribuir para a ampliação dos estudos lexicais e também subsidiar o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, pois disponibiliza um repertório lexical dos informantes entrevistados.

Neste artigo, no que diz respeito à coleta dos dados geolinguísticos, foram analisadas as entrevistas de 48 pessoas naturais de seis capitais brasileiras da região norte, respeitando-se o perfil pré-determinado pelo Projeto ALiB.

#### 4 AMOSTRA DO EXEMPLÁRIO FRASEOLÓGICO DA REGIÃO NORTE

No exemplário produzido, o repertório lexical apresentado abarca conceitos pertencentes às áreas semânticas a seguir: fenômenos atmosféricos, astros e tempo, ciclos da vida e convívio e comportamento social, religião e crenças e jogos e diversões infantis.

Este exemplário foi organizado da seguinte maneira:

1 = Unidade fraseológica (apresentada conforme a ordem alfabética)

2 = Informação gramatical (classificação do sintagma (nominal ou verbal) bem como a sua composição (nome + nome; verbo + nome dentre outras possibilidades de estruturas))

3 = Definição (informação por meio de texto definitório acerca da unidade fraseológica em questão)

4 = Localidade(s) (organizada por cidade/estado)

5 = Fonte de referência (indicando o tipo do questionário, o número da questão, a área semântica e a reprodução da formulação da pergunta)

6 = Contexto (exemplo, extraído do *corpus* do Projeto ALiB. Aqui, serão encontradas as abreviaturas INQ, que significa inquiridor, ou seja, o entrevistador, e INF, que diz respeito ao informante que foi entrevistado).

Objetivando fornecer uma amostra do trabalho feito, expõem-se as unidades fraseológicas a seguir:

**Ama de leite.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir à mulher que amamenta criança alheia quando a mãe natural está impossibilitada de fazê-lo. Localidades: *Belém/Pará; Boa Vista/Roraima; Manaus/Amazonas; Porto Velho/Rondônia.* Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 128/área semântica: ciclos da vida: “Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?”.* Contexto: INQ: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança como chama? INF:

*Ama de leite*. INQ: Tem disso aqui ainda? INF: Eu acho que tem, não tanto, mas tem *ama de leite*. (Manaus, homem, faixa etária 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 57).

**Amarrar o facão.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + artigo + nome). Forma alternativa de se referir à fase em que a mulher já não pode ter filho. Localidade: *Belém/Pará*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida*: “Numa certa idade acaba a/o\_\_\_\_\_ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher\_\_\_\_\_”. Contexto: INQ: Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher? INF: *Amarrou o facão*. (Belém, homem, faixa etária 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 58).

**Aquele que ronca e fuça.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (pronome + pronome relativo + verbo + conjunção + verbo). Forma alternativa de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: *Macapá/Amapá*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças*: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ: Agora de crenças. Deus está no céu e no inferno está o? INF: O diabo. INQ: Tem outro nome? INF: Aqui a gente chama o diabo, demônio, o rabudo, rabudo, capeta, é belzebu, é mais assim mesmo, né? Satanás. Dificilmente a gente ouve assim *aquele que ronca e fuça*, são mais expressões, assim, interiorianas, né? Do Nordeste, de Minas assim. (Macapá, homem, faixa etária 2, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 58).

**Barra bandeira.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir à brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado. Localidade: *Manaus/Amazonas*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 162/área semântica: jogos e diversões infantis*: “Como é que se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?”. Contexto: INQ: E aquela brincadeira que uma criança corre atrás das outras pra tocar em umas delas antes que alcance um ponto combinado? INF: Pra tocar numa delas? INQ: É, antes que encontre aquele ponto combinado? É esse o manja pega? INF: Mas acho que quanto ao ponto, mas aí ela alcança. INQ: Ela sai correndo e marca um ponto, né? INF: Ah, é, não, mas tem dois campos, não? Que o manja pega, tem esse você só ir correndo atrás, pode ser assim

também, mas tem um que você tem dois times na verdade e aí cada lado você indica uma bandeira pra você pegar que é o *barra bandeira*. Você tem que atravessar pegar e voltar, sem que ninguém daquele outro time pegue você. Não sei se é esse que tá. INQ: Barra bandeira? INF: É, mas o *barra bandeira* é assim: você tem que você pega um cano qualquer aí de qualquer coisa, se não for inventa, pode por tem aquela linha, aí fica uns dois (ganchinhos) aqui e tem uma bandeira aqui, pode ser uma garrafa, uma, um chinelo qualquer coisa, aí quem tá aqui, tem que tentar passar por esse, chegar aqui e voltar, sendo que aqui não pode ser pego onde tá a bandeira, né? E se alguém daqui pegar ele fica parado aqui e não pode se mexer, tem que alguém daqui resgatar e voltar, esse é o *barra bandeira*. INQ: Barra bandeira? INF: É. (Manaus, homem, faixa etária 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 65).

**Bate bunda.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + nome). Forma alternativa de se referir a uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce. Localidade: *Macapá/Amapá*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 165/área semântica: jogos e diversões infantis*: “Como é que se chama aquele brinquedo em que há uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?”. Contexto: INQ: E um brinquedo assim que é uma tábua, aí tem um apoio aqui no meio, aí senta uma criança aqui e aqui? INF: *Bate bunda*. (Macapá, mulher, faixa etária 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 65).

**Bicho feio.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: *Macapá/Amapá*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças*: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ: Bom, a gente costuma dizer que Deus está no céu e no inferno está? INF: Está o diabo. INQ: Isso. Quais outros nomes que você conhece para ele? INF: Satanás, *bicho feio*, é só esses. (Macapá, mulher, faixa etária 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 68).

**Cabra-cega.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir à brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras. Localidades: *Porto*

*Velho/Rondônia; Rio Branco/Acre; Manaus/Amazonas; Belém/Pará; Boa Vista/Roraima; Macapá/Amapá.* Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 161/área semântica: jogos e diversões infantis infantis*: “Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”. Contexto: INQ: E aquela brincadeira que uma criança com o olho fechado, né, tampado ela vai pegando? INF: *Cabra-cega*. (Porto Velho, mulher, faixa etária 2, fundamental). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 75).

**Chicote queimado.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir à brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair. Localidade: *Manaus/Amazonas*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 164/área semântica: jogos e diversões infantis*: “Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?”. Contexto: INQ: Tem uma brincadeira, essa aqui quase ninguém sabe, eu brinquei tanto, também já faz tempo, né? Diferença de idade aqui, mas eu brinquei tanto desse e as pessoas aqui não conhecem. INF: Com’é que é? INQ: Faz uma roda, uma criança fica no meio da roda e uma fica lá fora, né? Ela fica correndo em volta das pessoas que estão na roda. Aí ela, por exemplo, tá, você tá aqui fora e deixa cair um lenço, ou um papel, uma bolinha, alguma coisa atrás de você. Você tem que pegar e sair correndo pra pegá-lo e essa que tá dentro vai olhando pra ver onde que ela deixa cair pra pegar primeiro que você. INF: Eu já brinquei disso, mas eu não lembro o nome. É eu acho que é *Chicote queimado*?. (Manaus, mulher, faixa etária 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 78).

**Chuva de molhar besta.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + verbo + nome). Forma alternativa de se referir a uma chuva bem fininha. Localidades: *Macapá/Amapá; Rio Branco/Acre*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 18/área semântica: fenômenos atmosféricos*: “Como se chama uma chuva bem fininha?”. Contexto: INQ: Como se chama quando a chuva é fininha? INF: Fininha? Porque o camarada acha, que se ele for andando ele não vai se molhar, né? INQ: É, quando vê,

né? INF: É. É *chuva de molhar besta*. (Macapá, homem, faixa etária 2, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 82).

**Corno elétrico.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir ao homem que sofre uma infidelidade no relacionamento, que acontece no caso do casamento ou namoro. Localidade: *Boa Vista/Roraima*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 141/área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?”. Contexto: INQ: O marido que a mulher passa pra trás com outra pessoa? INF: Por exemplo se alguém falasse o nome eu saberia o que que é, entendeu? Eu não tô conseguindo me lembrar agora... INQ: Tá, tudo bem, eu ponho aqui. O marido que a mulher passa pra trás com outro homem, (isso aqui a gente lê) (risos)? INF: O marido que a mulher passa pra trás? É corno, né? INQ: Isso. INF: Acho que isso é universal, isso aí. INQ: Mais algum? INF: Aí depende da forma, é corno manso. INQ: Tem corno elétrico não tem? INF.- É, tem *corno elétrico*, tem vários tipos de corno (risos) Aí chama de lesão, de abestado, de, de babaca, que é isso é aquilo. (Boa Vista, mulher, faixa 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 82).

**Cruz credo.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: *Boa Vista/Roraima*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças*: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ: Agora mudando um pouco para religião e crença. No céu está Deus, no inferno está? INF: O diabo. INQ: Todos os nomes dele que você sabe? INF: Todos os nomes que eu sei? INQ: É. INF: O cão, o *cruz credo*, lucifer... INQ: Isso. INF: Tem o satanás. INQ: Isso. INF: Tem vários nomes. INQ: Certo. (Boa Vista, mulher, faixa 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 97).

**Estar de regras.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Boa Vista/Roraima*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: Agora ciclos da vida. As mulheres perdem sangue todos os meses, como chama isso? INF: Menstruação. INQ: Agora eu quero os nomes populares? INF: Ah, é? INQ: “Não vou pra piscina hoje porque eu tô?” INF:

Tô de bandera vermelha. INQ: Isso. O que mais? INF: Sinal vermelho, *tô de regras*, das mais antigas chamam regras. INQ: É. INF: Tô de bode. INQ: Isso. Tua geração. INF: Aí que nome feio, eu acho horrível. INQ: (risos) INF: Tô de bode. INQ: Da tua geração. INF: Da minha geração é tô menstruada, tô naqueles dias, tô de bandeira vermelha, sinal vermelho. INQ: Certo. INF: Tem, tem, tem outros nomezinhos que hoje as meninhas usam mais. INQ: Ah, é? INF: Mas que eu não me lembro agora. INQ: Se você lembrar, depois você me fala. INF: Mas esses nomes assim. A maioria do povo mesmo assim popular, os mais antigos é: tô de bode. INQ: Tô de bode. INF: Né? INQ: E ponto final. INF: Eu acho horrível. INQ: É? INF: Eu não gosto muito não. INQ: Você não usa? INF: Não, eu não, mas que eu ouço, ouço, né? (Boa vista, mulher, faixa 1, universitário) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 104).

**Estar de bode.** Categoria gramatical: *sintagma verbal* (verbo + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Manaus/Amazonas; Belém/Pará; Rio Branco/Acre; Porto Velho/Rondônia; Macapá/Amapá; Boa Vista/Roraima*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida*: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como chama isso? INF: É, aqui eles chamam regra, raramente se diz menstruação ou a mulher tá naqueles dias, são essas expressões mais, ou então, eles usam um termo, assim, mais pejorativo, né, a mulher *tá de bode* (Manaus, homem, faixa etária 2, universitário) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 106).

**Fim de rama.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir ao filho que nasceu por último. Localidades: *Boa Vista/Roraima; Rio Branco/Acre*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 131/área semântica: ciclos da vida*: “Como se chama o filho que nasceu por último?”. Contexto: INQ: Como se chama o filho que nasceu por último? INF: Derradeiro, *fim de rama*. (Boa Vista, mulher, faixa 1, universitário). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 127).

**Língua de trapo.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir à pessoa que fala demais. Localidade: *Porto Velho/Rondônia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 136/área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama a pessoa que fala demais?”

Contexto: INQ: Como se chama a pessoa que fala demais? INF: Linguaruda, matraca. INQ: Matraca? Por que será que é matraca? INF: Fala demais, não cala a boca, é *língua de trapo*. INQ: Língua de trapo? É? INF: É (risos). (Porto Velho, mulher, faixa 1, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 135).

**Mãe de mama.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir à mulher que amamenta criança alheia quando a mãe natural está impossibilitada de fazê-lo. Localidade: *Macapá/Amapá*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 128/área semântica: ciclos da vida*: “Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?”. Contexto: INQ: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como que chamam essa mulher? INF: Aqui a gente chama *mãe de mama*. INQ: Isto. (Macapá, mulher, faixa 2, fundamental). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 138).

**Mão de papagaio.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de fazer referência ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina. Localidade: *Macapá/Amapá*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 138/área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?”. Contexto: INQ: E uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF: Ah, chamam mão de vaca. INQ: Tem outros nomes? INF: Unha de fome. INQ: Que mais? INF: É *mão de papagaio*, pé de papagaio no arame. INQ: Olha só. INF: Mesquinho, miserável, tudo isso chama. INQ: Vários nomes, né? INF: Vários nomes, mesquinho, miserável. (Macapá, mulher, faixa 2, fundamental). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 142).

**Mão-trancada.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de fazer referência ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina. Localidade: *Belém/Pará*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 138/área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?”. Contexto: INQ: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF:

Miserável, *mão-trancada*, mão-fechada. (Belém, mulher, faixa 2, fundamental). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 146).

**Mês do Círio.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + artigo + nome). Forma alternativa de se referir ao mês de outubro. Localidade: *Belém/Pará*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 35/área semântica: astros e tempo*: “Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?” Contexto: INQ: Alguns meses têm outros nomes, por exemplo, junho, julho, etc.? INF: Junho é mês de São João, fevereiro é mês do carnaval, aqui, pra nós, o outubro é *mês do Círio*, né? E natal, eu acho que é universal, né? Dezembro é o mês do natal, não é isso? Eu creio assim. Tem o mês das flores, mês das noivas. (Belém, mulher, faixa 2, fundamental). (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 167).

**Pampero de água.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de se referir à chuva forte e contínua. Localidade: *Belém/Pará*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 14/área semântica: fenômenos atmosféricos*: “Como se chama uma chuva forte e contínua?” Contexto: INQ: Como se chama uma chuva forte e contínua? INF: *Pampero de água*. INQ: Mas esse pampero como é? INF: É muita água, chuvas fortes. INQ: Mas ela é forte e contínua? INF: É um *pampero de água*. (Belém, homem, faixa 2, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 185).

**Pata-cega.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir à brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras. Localidades: *Belém/Pará; Boa Vista/Roraima; Macapá/Amapá; Manaus/Amazonas; Porto Velho/Rondônia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 161/área semântica: jogos e diversões infantis*: “Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” Contexto: INQ: E aquela brincadeira que uma criança fica de olhos vendados tentando pegar as outras? INF: *Pata-cega*. (Boa Vista, homem, faixa 1, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 187).

**Pé inchado.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + adjetivo). Forma alternativa de se referir à pessoa que ingere bebidas alcoólicas sem

moderação. Localidades: *Macapá/Amapá; Boa Vista/Roraima; Rio Branco/Acre*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 144/área semântica: convívio e comportamento social*: “Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?”. Contexto: INQ: Numa festa tem uma pessoa lá, um rapaz, uma moça que bebeu demais. Que nome a gente dá pra essa pessoa que bebeu demais naquela festa? INF: *Pé inchado* (risos). INQ: Pé inchado? INF: *Pé inchado*, beberão. (Boa Vista, mulher, faixa 1, universitário) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 193).

**Unha de fome.** Categoria gramatical: *sintagma nominal* (nome + preposição + nome). Forma alternativa de fazer referência ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina. Localidades: *Macapá/Amapá; Belém/Pará; Rio Branco/Acre; Porto Velho/Rondônia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 138/área semântica: convívio e comportamento social*: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?”. Contexto: INQ: E uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? INF: Ah, chamam mão de vaca. INQ: Tem outros nomes? INF: *Unha de fome*. INQ: Que mais? INF: É mão de papagaio, pé de papagaio no arame. INQ: Olha só. INF: Mesquinho, miserável, tudo isso chama. INQ: Vários nomes, né? INF: Vários nomes, mesquinho, miserável. (Macapá, mulher, faixa 2, fundamental) (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 207).

Foram analisadas 292 unidades fraseológicas pertencentes a seis campos semânticos, sistematizadas em forma de exemplário. De tudo que se desenvolveu, além de desenvolver pesquisas nas áreas de Dialectologia e de Fraseologia, foi possível, também discutir metodologia do trabalho dialetológico e fraseológico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus* em que esta pesquisa foi baseada possibilitou apresentar uma amostra da riqueza fraseológica de que se reveste a língua portuguesa falada nas capitais da região norte do Brasil.

Além disso, permitiu, a título de conclusão, verificar que as unidades fraseológicas, levantadas através dos inquéritos de 48 informantes em seis capitais, contemplam a polilexicalidade e refletem a estabilidade no sentido atribuída por Mejri

(1997) de relação tão estreita entre os elementos que os leva a perderem o significado primário para adquirirem um novo sentido.

Por tudo isso, é importante registrar a continuidade destas análises, dando a oportunidade de divulgar os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, aprofundando os conhecimentos fraseológicos a partir de dados orais de natureza geolinguística.

## **REFERÊNCIAS**

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 1. Londrina: Ed. UEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2. Londrina: Ed. UEL, 2014b.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

MEJRI, Salah. La phraséologie française: synthèse et acquis théoriques et Descriptifs. *Le français moderne. Revue de linguistique française*. La phraséologie française. Numéro dirigé par Salah Mejri. 86e année, n. 1, 2018, p. 5-32.

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 139-156.

MEJRI, Salah. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. *Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Quarteto: Salvador, 2018.